

BRAIDO

Quem vê o time de basquete de Franca hoje, patrocinado pelo Serviço Social da Indústria – Sesi não tem ideia do que passou de água sob a ponte do córrego dos Bagres para chegar ao ponto atual, de sucesso nas quadras, vitórias, títulos e prêmios. Resgatar histórias de outros tempos é sempre necessário para que as pessoas valorizem o que hoje chamam de “tradição”, de “capital do basquete”, que não existiria sem a luta e a abnegação de muitas pessoas até hoje.

Foi por isso que uma foto do time de basquete do Clube dos Bagres dos anos 1960 publicada na internet chamou minha atenção. Havia um nome de jogador anotado na foto que nunca tinha ouvido falar – Branco. Depois de pensar um pouco e pedir apoio ao Rodolfo Pino, a enciclopédia do basquete francano e a meu irmão Gonzaga, confirmei que na verdade o nome correto era Braido, a pessoa havia escrito errado o nome sobre a foto. Pensei também: como vivemos num país e numa cidade sem memória, onde esquecemos as pessoas que contribuíram no passado para o sucesso do presente, fui procurar. Onde estaria Braido? Estaria vivo? Rosalvo, outro ex-jogador bagrino me salvou, tinha o contato do ex-jogador que hoje vive na Grande São Paulo, advogado e procurador jurídico aposentado.

Fiz um breve entrevista com Braido para entender um pouco melhor sua trajetória e como havia aportado na velha Franca do Imperador para jogar basquete. Natural de Olímpia, José Pedro Braido mudou-se para Catanduva ainda criança e começou a jogar basquete bem jovem, no time da cidade, o Cruzeiro Cestobol Clube, que havia montado um time forte no início dos anos 1960. Alto e com grande impulsão, foi notado por Pedroca como um bom jogador. Logo que foi estudar direito em Ribeirão Preto, o Clube dos Bagres o convidou para vir para cá. A princípio, vinha de ônibus até a cidade, mas conseguiu transferir a matrícula para a Faculdade de Direito de Franca, onde se formou em 1964 ou 65.

Ao se mudar para Franca, Braido foi morar sob as arquibancadas do célebre ginásio da Rua General Carneiro, juntamente com Anginho, Edson Ferraciú e Amilton Cruanes. As refeições eram feitas no Hotel Central, na mesma mesa que Cecim Miguel, homem cheio de histórias. Para Braido, esse foi um dos melhores períodos da vida dele, chegou a se casar com uma francana. O ambiente no time comandado pelo professor Pedroca era muito bom, de camaradagem e apoio do grupo, diz Braido, coisa que não encontrou no clube para onde se transferiu em 1966, o poderoso XV de Piracicaba à época. Ala-pivô com grande impulsão, jogava muito na “tábua” defensiva como se dizia (afinal, as tabelas eram de madeira ainda, o vidro começou a ser usado bem depois) ao lado de Ferraciú e Amilton, pivôs que recuperavam o rebote e lançavam a bola para o contra-ataque puxado pela velocidade de Hélio Rubens e Anginho, o armador. Bom arremessador, Braido era quase sempre o maior pontuador do time.

Braido lembrou das viagens que o time fazia pelo interior, sempre na Kombi dirigida pelo próprio dono, o professor Pedroca ou pelo Amilton, que também gostava de dirigir o Simca Chambord do Agostinho Vilhena, dirigente do clube. Viagens longas e cansativas, mas que faziam de bom humor até São Paulo, São José dos Campos, Piracicaba ou São José do Rio Preto, por estradas de pista simples. Certa vez venceram a final dos Jogos Abertos em Poços de Caldas e na manhã seguinte saíram de Kombi para Paraguaçu Paulista, 500 km de distância, para um jogo da Taça Bandeirantes. Nesses tempos em que o profissionalizado time de Franca recusa até treinar em quadra que não tem amortecimento e paga bem seus jogadores e equipe técnica, é preciso olhar para o passado e reverenciar esses abnegados que, apenas com ajuda de custo, deram os primeiros e decisivos passos para o que hoje chamamos “tradição”.

Mauro Ferreira é arquiteto